

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CETREDE – CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR

A LITERATURA INFANTIL EM MONTEIRO LOBATO
E A
INFLUÊNCIA DE EMÍLIA EM SUA OBRA

WANDERLY FELIX DA SILVA

FORTALEZA, JUNHO DE 2005

A LITERATURA INFANTIL EM MONTEIRO LOBATO
E A
INFLUÊNCIA DE EMÍLIA EM SUA OBRA

WANDERLY FELIX DA SILVA

Orientador: DENILSON ALBANO PORTÁCIO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Leitura e Formação do Leitor, e ao CETREDE, para obtenção do grau de Especialista em Leitura e Formação do Leitor.

FORTALEZA – CE
2005

Esta monografia foi submetida à Coordenação do Curso de Especialização em Leitura e Formação do Leitor, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Leitura e Formação do Leitor, outorgado pela Universidade Federal do Ceará – UFC e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas de ética científica.

Wanderly Felix da Silva

Prof. Ms. Denilson Albano Portácio
Prof.Orientador

Nota

Monografia aprovada em _____ / _____ / _____

DEDICATÓRIA

À minha irmã Wanda Lucia Felix da Silva, a quem devo o incentivo e apoio para que esta produção fosse realizada.

Quando ao escrever a história de Narizinho lá naquele escritório da rua Boa Vista, me caiu no bico da pena uma boneca de pano muito feia e muda, bem longe estava eu de supor que viria a ser o germe da encantadora Rainha Mab do meu outono.

Monteiro Lobato

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me deu vida e sabedoria, e me conduz a cada dia da minha jornada.

Ao professor Denílson Albano Portácio, pelo auxílio na realização deste trabalho.

A minha família pela ajuda e compreensão nos momentos difíceis.

Aos professores do Curso de Especialização em Leitura e Formação do Leitor, pela formação.

E aos demais que de alguma forma contribuíram na elaboração desta monografia.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a personagem Emília em algumas obras de Monteiro Lobato. Observamos que Emília é a personagem mais expressiva da obra de Lobato, todo seu desempenho é criado com grande cuidado e suas falas são marcantes e se destacam nas histórias lobatianas. Diante da numerosa literatura que hora nos é apresentada, decidimos pela obra de Monteiro Lobato e como centro de nosso estudo sua personagem Emília. Surgiram alguns questionamentos: O que a torna diferente das outras personagens? A personagem Emília promove alguma mediação entre autor e leitor? A influência de Emília transcende o Sítio do Picapau amarelo? Para responder a esses questionamentos esta pesquisa se propõe: a) Apresentar as características básicas da personagem Emília; b) Investigar os fatores que contribuíram para a aceitação da personagem Emília; c) Analisar o alcance da personagem em ambiente fora do Sítio do Picapau Amarelo; d) Conhecer as opiniões que outros personagens tem da personagem Emília. No decorrer da pesquisa os questionamentos apresentados anteriormente são respondidos, contemplando satisfatoriamente o objetivo proposto. Concluímos confirmando que a influência da boneca Emília é uma realidade que transcende a obra infantil de Monteiro Lobato.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	i
SUMÁRIO	ii
RESUMO	iii
INTRODUÇÃO	01
1. HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DA LITERATURA INFANTIL	02
1.1 Literatura infantil em formação	02
1.2 Origem da literatura infantil brasileira	06
2. MONTEIRO LOBATO E A LITERATURA INFANTIL	09
2.1 Monteiro Lobato o homem e o escritor	09
2.2 Monteiro Lobato e suas personagens	14
3. EMÍLIA	17
3.1 De macela a tagarela	17
3.2 Um olhar sobre Emília	22
3.3 Do Sítio para a realidade	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

A profissão de bibliotecário escolar nos possibilita observar, pela sua ótica de agente fomentador da leitura, o fascínio que as crianças sentem pelas personagens de Monteiro Lobato, notadamente a personagem Emília. Nesse estudo temos a proposta de pesquisar um pouco sobre o escritor Monteiro Lobato, parte de sua obra e sua personagem Emília. Quando Monteiro Lobato é visto nas escolas, é comum o Sítio e suas personagens serem o motivo da decoração do espaço físico. No caso de encenações das histórias pelos adultos, todos querem a presença da Emília, e esta é sempre cercada pelas crianças.

A obra de Monteiro Lobato inicia nova etapa na literatura nacional, ele apresenta ao público infantil uma literatura mesclada da realidade e do maravilhoso, dentro do cotidiano brasileiro. Sua obra é bem recebida pelas crianças brasileiras, mostrando que “o ‘maravilhoso’ sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinadas às crianças” (COELHO, 1991, p.50).

Segundo PEREIRA (1999) em Lobato o didatismo que sufocava a literatura infantil é superado e surge uma narrativa estética que colabora para a formação de um pensamento crítico, capaz de gerar mudanças no pequeno leitor e no seu meio. Ele soube compreender a criança, valorizando a linguagem simples e o mundo que a cercava. Soube transportar com cuidado e carinho o mundo encantado e mágico do universo infantil para o Sítio de Dona Benta, transformando-o em um local acolhedor, agradável e desejado por milhares de crianças desde a publicação de *Narizinho Arrebitado*.

Durante alguns anos Monteiro Lobato escreveu para crianças brasileiras e por muito tempo esteve sozinho neste gênero. O crescimento da produção da literatura infantil brasileira ocorre de forma lenta, somente na década de 40 é que começa a criar forma.

“o crescimento quantitativo da produção para crianças e a atração que ela começa a exercer sobre escritores comprometidos com a renovação da arte nacional demonstram que o mercado estava sendo favorável aos livros” (LAJOLO, 1999, p.47).

A pesquisa caracteriza-se como estudo exploratório, neste tipo de estudo se procura estudar o objeto em questão utilizando-se da metodologia que melhor direcione nos questionamentos, levando a uma maior compreensão do objeto ora em estudo. Foi utilizado o método fenomenológico que “consiste em mostrar o que é dado e em esclarecer esse dado” (GIL, 1999, p.32), encontrando assim segundo CHAUÍ (1995), seu sentido, forma, propriedade e origem.

Trata-se de uma pesquisa teórica a partir de uma investigação bibliográfica onde foram analisadas as causas que fizeram Emília se destacar na obra de Lobato. Para esta análise utilizamos a análise de conteúdo que apresenta como características metodológicas: objetividade, sistematização e inferência. E também a análise por categoria, que é uma técnica baseada “na decodificação de um texto em diversos elementos, os quais são classificados e formam agrupamentos analógicos” (RICHARDSON, 1999, p.243).

Esse trabalho se propõe: a) Apresentar as características básicas da personagem Emília; b) Investigar os fatores que contribuíram para a aceitação da personagem Emília; c) Analisar o alcance da personagem em ambiente fora do Sítio do Picapau Amarelo; d) Conhecer as opiniões que outros personagens tem da personagem Emília.

A presente investigação literária apresenta o seguinte desenvolvimento, o primeiro capítulo consta de uma abordagem histórica sobre a literatura infantil, destacando a origem e o desenvolvimento da literatura infantil brasileira com a produção de Monteiro Lobato. O segundo capítulo discorre sobre a vida e obra do escritor Monteiro Lobato, e o terceiro capítulo é a análise da personagem Emília que teve como base alguns livros da obra de lobatiana.

1. HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DA LITERATURA INFANTIL

1.1 Literatura infantil em formação

A literatura infantil existe desde a Idade Antiga, ela surgiu com a oralidade e

passou de pais para filhos, de povos para outros povos. Constituía-se de contos populares coletados em diferentes países e épocas, que registravam usos, costumes e as tradições morais e religiosas dos povos. Era uma literatura feita para adultos, onde os elementos fantástico e mágico presentes no texto, captavam a atenção dos ouvintes e atraíam as crianças cada vez mais.

“A literatura infantil tem sua origem na idade oral do mito; amas de leite, rapsodos e educadores transmitiam de viva voz a infância, primeiro na Grécia, depois em Roma, as tradições de seus antepassados, fábulas, lendas heróicas ou religiosas e aventuras extraordinárias” (GÓES, 1991, p.63).

Dessa forma a memória dos grupos era preservada, os contos marcados pela realidade de cada povo, algumas vezes modificados ou acrescidos de novos fatos pelos contadores para os tornarem mais próximos da realidade de cada um, eram repassados a um público constituído de adultos e crianças que se deleitavam com as belas histórias recheadas de encantamento e do maravilhoso.

Mas é no século XVIII que ela passa a ser considerada como literatura infantil, porque é nesse período que a criança passa a ser vista de forma diferente, não mais como um adulto em miniatura. O novo modelo de sociedade, a burguesia, apresentava a criança como um ser em formação, dependente do adulto.

E exigia a preparação da mesma para que ela fosse inserida na nova ordem social, sendo esta responsabilidade repassada a família e a escola. As idéias revolucionárias de Rousseau modificaram o ensino da época e a sociedade, as mudanças ocorridas possibilitaram o desenvolvimento da literatura infantil, a produção literária que surge a partir desse momento é voltada para a criança com a intenção exclusiva de educá-la.

Como nos afirma BARGELLINI apud CARVALHO (1989, p.87), “numa sociedade em que se falava tanto de individualidade, sua liberdade e seus direitos também a infância teria sua individualidade, sua liberdade e seus direitos”. A literatura infantil é a extensão desses direitos da criança recém descoberta, embora fosse uma literatura sem nenhuma função lúdica, pois como CARVALHO (1989) nos deixa claro, a literatura infantil era marcada pela pedagogia e ética vigentes.

Dois obras marcaram esse período, embora tenham sido escritas para adultos foram consagradas pelas crianças. A primeira data de 1719 do inglês Daniel Defoe, *Robinson Crusoe*. Esta obra é a história verídica de um marinheiro escocês, Alexandre Selkvik, que foi

abandonado e viveu sozinho na ilha de Juan Fernandez, durante quatro anos. Na obra o período se estende por vinte e oito anos e Robinson Crusóé tem por companhia um selvagem que se tornou seu amigo a quem deu o nome de Sexta-feira. Robinson sobrevive graças à sua criatividade que o leva a dominar a natureza selvagem.

A segunda obra é do irlandês Jonathan Swift que em 1726 publica *Viagens de Gulliver* cujo título original é: *Viagens através de várias e longínquas nações do mundo por Lemuel Gulliver*. Relato das viagens de um médico que ocorrem em um período de dezesseis anos e sete meses, através de países imaginários, é uma sátira a sociedade inglesa e a condição indigna a que foi reduzido o ser humano.

No século XIX ocorre o retorno para os contos de fadas, que faziam parte dos contos folclóricos e até então não eram destinados especificamente para a criança. Através dos irmãos Grimm que, “redescobriram os mitos, permitindo valorizar novamente a ingênua e fresca fantasia dos homens, concedendo-lhes hierarquia artística como concepção espontânea de vida” (GÓES, 1991, p.115), suas personagens espalharam-se pelo mundo e deram início a uma nova safra de contos de fadas.

Os contos de fadas alcançam o lado psicológico da criança, pois “falam de coisas profundas, essenciais que habitam dentro de cada um de nós” (FRANTZ, 1997, p.61). São contos que nos levam a vivenciarmos as mais diversas situações. Um conto nunca será vivido da mesma forma, cada leitor ou ouvinte terá sua própria experiência, a partir da imaginação de cada um. Nos contos de fadas as situações ocorrem fora da nossa compreensão do duo espaço/tempo ou realizadas em local vago ou indeterminado da terra, levando o leitor a uma atividade lúdica que é a imaginação e entramos no encantamento do “era uma vez...”

O lúdico permeia a literatura infantil e vários estudiosos se voltaram para o estudo do lúdico, a influência e a importância deste no desenvolvimento da criança. Entre estes estudiosos destacaremos Jean Piaget (1896 – 1980) psicólogo suíço, que foi o primeiro a sistematizar de forma coordenada e exaustiva o lúdico na criança. Analisando principalmente seus próprios filhos, concluiu que a criança constrói seu próprio modelo de mundo, ao longo do processo de desenvolvimento.

De acordo com a teoria piagetiana, o lúdico aparece como forma essencial para

o desenvolvimento da criança. Piaget afirma que o lúdico é a assimilação do real, que prima sobre a acomodação, ou seja, através do brincar (entendemos que a fantasia presente na literatura infantil se enquadra nesta categoria, enquanto objeto que desperta o prazer), a criança modifica seus conhecimentos já adquiridos na tentativa de ajustar-se à nova situação.

Piaget considera o lúdico como algo essencial para o desenvolvimento da criança sendo uma forma de expressão espontânea e prazerosa. O lúdico enquanto processo assimilativo participa do conteúdo da inteligência, a semelhança da aprendizagem. Ao manifestar a conduta lúdica, a criança demonstra o nível de seus estágios cognitivos e constrói conhecimentos.

Conforme ROZA (1995) sendo o lúdico um dos meios decisivos de formação da personalidade, deve ser levado em consideração na educação da criança. Percebemos que o lúdico é mais do que um modo de comunicação é uma atividade estruturante, através da qual o homem se insere na cultura, no social, sendo a forma pela qual a criança assimila o mundo real.

A literatura infantil contribui para despertar no leitor, o maravilhoso e o encantamento, é uma literatura que o alcança ao lhe colocar em contato com um mundo onde a realidade é trabalhada de forma lúdica, “o conto de fadas oferece materiais de fantasia que sugerem à criança, sob forma simbólica, o significado de toda batalha para conseguir uma auto-realização, e garante um final feliz” (GÓES, 1991, p.122).

Através do prazer proporcionado pela história, o simbolismo implícito nesses contos age em seu inconsciente e ajuda na solução de seus próprios conflitos. Pois de acordo com BETTELHEIM (1980) a mensagem contida nos contos de fadas, e transmitidas às crianças é que as dificuldades fazem parte da vida e lutar contra elas é própria do ser humano, se a pessoa enfrentar sem recuar as pressões inesperadas ou injustas, ela superará todos os obstáculos e será vitoriosa.

1.2 Origem da literatura infantil brasileira

No Brasil a oralidade também foi traço marcante, no período Colonial a presença dos negros e negras contadores de histórias era comum. Até porque fazia parte da cultura africana ter os narradores das tradições, eram narradores profissionais que criavam

estória ou conto. Chegando ao Brasil se espalharam pelo vasto território, dando-nos assim grande contribuição para a formação cultural do povo brasileiro, juntamente com a contribuição do índio e do europeu.

“No Brasil depressa a velha indígena foi substituída pela velha negra, talvez mais resignada a ver entregue ao seu cuidado a ninhada branca do colonizador. Fazia deitar as crianças aproximando-as do sono com as estórias simples, transformadas pelo seu pavor, aumentadas na admiração dos heróis míticos da terra negra que não mais havia de ver. Dos elementos narrados pelas moças e mães brancas, as negras multiplicavam o material sonoro para audição infantil. Humilde Sheerazada, conquistava, com a moeda maravilhosa, um canto na reminiscência de todos os brasileiros que ela criava. Raramente vozes européias evocariam as estórias que os tios e as tias narravam nas aldeias portuguesas. Os ouvidos brasileiros habituaram-se às entonações doces das mães pretas e sabiam que o mundo resplandecente só abriria suas portas de bronze ao imperativo daquela voz mansa, dizendo o abre-te, Sésamo irresistível: era uma vez...” (CASCUDO apud ARROYO, 1968, p.51-52).

Com a vinda da Família Real para o Brasil em 1808, ocorreram mudanças no ensino, o número de colégios aumentara, mas a escola primária é relegada a último plano e assim permanece por muito tempo. A urbanização das metrópoles brasileiras exigia a presença da escola e esta à produção de material didático. Diante dessa necessidade “se abre espaço, nas letras brasileiras para um tipo de produção didática e literária dirigida em particular ao público infantil” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 25).

A educação no Brasil nesse período era precária, o índice de analfabetos era alto, mais junto aos interesses progressistas, estava a preocupação com a instrução, alfabetização e a escola. LAJOLO e ZILBERMAN (1999) afirmam que diante dessa realidade surge também a preocupação com a falta de material de leitura adequado e variado para as crianças brasileiras. As obras que havia para o público infantil, não eram produzidas por brasileiros, eram traduções e adaptações de obras européias.

A Livraria Quaresma se destaca pela iniciativa em oferecer às crianças brasileiras livros com uma linguagem mais próxima do português do Brasil e cabe a Figueiredo Pimentel adaptar histórias infantis européias. Outros tradutores que sobressaem nesse período que marca o início da literatura infantil no Brasil são: Carlos Jansen Muller, Olavo Bilac e Arnaldo de Oliveira Barreto.

Thales Castanho de Andrade foi o primeiro escritor a lançar uma obra infantil nacional, voltada para nossa paisagem, nossa terra e nossos costumes. Em 1918, publica a *Filha da floresta* uma literatura nacional dedicada à infância brasileira. Mas é com o livro *Saudade* (1919) que o escritor recebe os maiores elogios, sendo aprovado pelos críticos da época, considerado o padrão da literatura didática. Outras obras surgiram, mas eram sombras das obras européias e alguns brasileiros insatisfeitos com a produção literária que era repassada as crianças, reivindicam uma literatura nacional de forma que:

“Intelectuais, jornalistas e professores arregaçaram as mangas e puseram mãos à obra, começaram a produzir livros infantis que tinham um endereço certo: o corpo discente das escolas igualmente reivindicadas como necessárias à consolidação do projeto de um Brasil moderno” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p.28).

Dessa forma percebemos que a produção da literatura infantil brasileira surgiu graças à necessidade que a escola tinha de uma produção nacional. Nesse período Olavo Bilac se destaca, “ao cultivar sentimentos nacionalistas e literários em sua obra, contribui decisivamente para o abasileiramento do livro de leitura no início deste século” (SANDRONI, 1987, p.42). Outro nome que se destaca é o da professora e musicista Alexina de Magalhães Pinto, que “foi a primeira educadora a preocupar-se em divulgar uma relação de livros recreativos por faixas etárias” (SANDRONI, 1987, p.39).

Devido ao papel fundamental exercido pela escola, a literatura infantil visava apenas o aspecto didático e moral. Durante muito tempo essa foi a realidade da literatura infantil no Brasil, uma literatura sem nenhum atrativo, sem nenhuma beleza literária. Foi um período de muita produção nacional, porém apenas três obras se firmaram como literatura escolar: *Através do Brasil* de Manuel Bomfim e Olavo Bilac; *Saudade* de Thales Castanho de Andrade e *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato.

Muitos intelectuais e educadores estavam inconformados com a literatura infantil que havia no país, contudo é com Monteiro Lobato que se queixava de não dispor de material literário para os filhos, que a literatura infantil brasileira tem início. Em uma carta ao seu amigo Godofredo Rangel, assim se expressa: “Que mundos diferentes, o do adulto e o da criança! Por não compreender isso e considerar a criança ‘um adulto em ponto pequeno’, é

que tantos escritores fracassam na literatura infantil e um Andersen fica eterno” (LOBATO, 1961a, p.347).

Esse inconformismo leva Monteiro Lobato a lançar, em 1921, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e com esta obra inicia de fato a literatura infantil brasileira, rompendo então com um sistema ultrapassado, oferecendo ao público infantil brasileiro, uma leitura cheia de fantasia e bem mais próxima do universo deles. Embora fosse uma obra para leitura escolar, tinha como objetivo captar a atenção da criança e diverti-la. O livro lançado era uma história que se passava em terras brasileiras, mas precisamente São Paulo e era cheio de imaginação, as personagens viviam uma realidade dentro da fantasia ou vice-versa, era difícil definir.

Entretanto Monteiro Lobato não pretendia alienar seu leitor. Utilizava o maravilhoso e o fantástico, se valendo também da realidade e tece suas histórias conquistando assim as crianças brasileiras. O leitor de Lobato se deparava com um lugar onde liberdade e conhecimento caminhavam juntos confirmando as idéias do autor. A característica maior do Sítio era essa, um lugar onde todos tinham liberdade para questionarem, para descobrirem do seu jeito o certo e o errado, onde não havia o imposto. As coisas aconteciam naturalmente e com mais naturalidade ainda se resolviam os problemas. Conforme CADEMARTORI (1987) Lobato incentivava a investigação e o debate sobre as mais variadas questões, e incitava seu leitor a uma tomada de posição.

Sendo um visionário nato, Lobato via nos livros infantis um caminho para divulgar suas idéias e nas crianças a esperança para a construção de um Brasil sem peias e próspero. Compreendia que tudo o que precisava para revolucionar a literatura infantil, era escrever algo que atraísse seus leitores. Na preocupação de oferecer o melhor ao seu público escrevia ao seu amigo Rangel: “Mando-te o Narizinho escolar. Quero tua impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Experimente nalgumas, a ver se interessam. Só procuro isso: que interesse às crianças” (LOBATO, 1961a, p.228).

A aceitação de Lobato é imediata, o público lê suas obras e entusiasmado e ávido com o que é produzido, quer mais, dá dicas para o escritor do que quer, ou sugestões para as personagens, Lobato vê as dicas como indicação de um caminho a ser seguido, e percorre o caminho que lhe é apontado pelas crianças e cria um mundo totalmente diferente do que era a realidade brasileira. Por se preocupar com o seu público revive sua infância nas páginas dos livros que escreve e de quebra dá aos seus pequenos compatriotas o melhor de sua fase literária de forma que de 1921 a 1944 ofereceu ao público infantil brasileiro um total de dezessete volumes de suas obras:

Reinações de Narizinho (1931); *Viagem ao céu e o Saci* (1932); *Caçadas de Pedrinho e Hans Staden* (1933); *Histórias do mundo para crianças* (1933); *Emília no país da gramática e Aritmética da Emília* (1935); *Geografia de Dona Benta* (1935); *Dom Quixote das crianças* (1936); *Memórias da Emília e Peter-Pan* (1936); *Histórias de tia Nastácia* (1937); *O Poço do Visconde* (1937); *Serões de Dona Benta e Histórias das invenções* (1937); *O Minotauro (Maravilhosas aventuras dos netos de Dona Benta na Grécia Antiga)* (1939); *O Picapau Amarelo e a Reforma da natureza* (1941); *A Chave do tamanho* (1942); *Fábulas e Os doze trabalhos de Hércules* (1944).

Como intelectual sério que era Lobato comprovou que realmente assumira um compromisso com a literatura infantil. Durante várias décadas esteve praticamente só como único escritor infantil no Brasil. Não apenas ofereceu aos seus leitores livros que proporcionavam uma leitura prazerosa, mas os levou a uma nova postura como leitor. Seus leitores eram crianças educadas para se conformarem ao modelo europeu, e através de seus livros, aponta para elas um Brasil real, com problemas, mas com grandes chances de superá-los. Lobato desperta o leitor crítico, mostrando que a realidade nem sempre é bonita e bela, mas existe a possibilidade de transformação, se a olharmos com um novo olhar, se pensarmos nas possíveis saídas e se ousarmos a mudar.

2. MONTEIRO LOBATO E A LITERATURA INFANTIL

2.1 Monteiro Lobato o homem e o escritor

José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) nasceu em Taubaté, São Paulo, filho de D. Olímpia Augusta Monteiro Lobato e José Bento Marcondes Lobato. Foi alfabetizado pela mãe e aos sete anos entrou num colégio. Adorava a biblioteca do avô materno, o Visconde de Tremembé. No colégio fundou vários jornais, escrevendo sob pseudônimo. Perde o pai em junho de 1898 e no ano seguinte em junho de 1899 morre a mãe. Aos 18 anos entra para a Faculdade de Direito por imposição do avô, forma-se em Direito e em 1907 é nomeado promotor de Areias (SP), casando-se no ano seguinte com Maria Pureza da Natividade (Purezinha), com quem teve quatro filhos: Edgar, Guilherme, Marta e Rute. Em 1911 herda do seu avô a fazenda de Buquira onde vive um período como fazendeiro. Em 1917 vende a

fazenda e transfere-se para São Paulo, torna-se diretor da *Revista Brasil* e pouco tempo depois proprietário.

Seu primeiro livro publicado *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*, foi um sucesso. Resolve então apostar como editor, e faz uma verdadeira reforma no setor editorial, os livros então publicados nem de longe se pareciam com os europeus. Criou o marketing do livro, tornou-o agradável na apresentação externa e interna.

“Outra novidade da revolução editorial promovida por Lobato foi a mudança no padrão gráfico do livro, através de uma programação visual sofisticada e tipografia elegante, atentando ao mesmo tempo, para a revisão rigorosa da composição e provas finais. (...) contrata artista para substituir as monótonas capas tipográficas pelas capas desenhadas, tornando seu produto mais atraente aos olhos do consumidor” (AZEVEDO, 1997, p. 131).

Destaca-se como editor e experimenta as maiores glórias assim como o maior fracasso. Por um bom tempo, podia escolher o que publicar sua editora estava sempre cheia de pedidos, era uma eterna correria contra o tempo. Monteiro Lobato era um homem de idéias, era um visionário, um homem que estava à frente do seu tempo, e que justamente por isso era incompreendido pelos seus contemporâneos. Suas idéias de progresso não eram só idéias, sempre que necessário juntava a prática à teoria, comprovando que era possível realizar os sonhos.

Lobato acreditava em um futuro melhor e próspero para sua nação, investiu o quanto pode para que essa fosse a realidade brasileira. Trouxe para o Brasil máquinas para exploração do ferro e do petróleo. “Além disso, moveu cruzadas para sensibilizar as autoridades e voltá-las para as questões que acreditava, poderiam trazer, com a riqueza material, a verdadeira emancipação do país” (CADEMARTORI, 1987, p.47 e 48).

Entretanto suas idéias caem no descaso e decepcionado com os adultos, decide investir nas crianças, pois via nelas algo promissor, seriam elas que disseminariam suas idéias. E parte para a literatura infantil, o que faz com toda a paixão e mais uma vez deixa sua marca indelével, passa a ser um divisor na literatura infantil brasileira, antes e depois de Lobato. “Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas idéias e formas que o novo século exigia” (AZEVEDO, 1997, p.165).

O livro *A Menina do Narizinho Arrebitado* é o marco que inicia a literatura infantil brasileira. O livro é adotado pelo governo de São Paulo para o segundo ano das escolas públicas, “acabou recebendo elogios da crítica e do professorado, figurando no balanço de 1921 com uma edição de cinquenta mil exemplares” (AZEVEDO, 1997, p.130). Um verdadeiro feito para sua época. Embora *A Menina do Narizinho Arrebitado* fosse uma literatura escolar, o conteúdo era lúdico, e após várias revisões o público infantil recebeu o texto definitivo em 1934, e nesse não havia qualquer referência a leitura escolar. Era um livro infantil elaborado para divertir e encantar seu leitor. De certa forma Lobato permitiu que seu livro fosse aprovado pelo Estado como forma de entrar na literatura escolar e então partir para uma literatura definitivamente infantil no país, tanto é que os livros infantis seguintes vieram sem a tutela do Estado.

Lobato não se preocupa em obedecer normas rígidas da gramática e usa os recursos que a língua oferece, explorando de maneira interessante e original as onomatopéias, se utilizando de termos estrangeiros apresentando um regionalismo de forma lúdica e como podemos observar:

“Parece-nos que Lobato quer atingir os puristas do seu (e do nosso) tempo, os que o acusaram de ‘poluir’ a língua, ou lhes dar uma resposta operando num nível lingüístico totalmente incompatível com os padrões estabelecidos na época, utilizando a língua para chamar a atenção para o discurso em si” (PEREIRA apud SANDRONI, 1987, p.57).

A obra de Monteiro Lobato une com perfeição fantasia e realidade, graças a sua personalidade versátil, Lobato mergulha no mundo da criança e se identifica com ela. De forma inovadora ele busca no nosso folclore alguns personagens de sua obra e trabalha toda riqueza do folclore brasileiro ludicamente. O folclore é vivido nas páginas lobatianas através das histórias de tia Nastácia e tio Barnabé que são os representantes legítimos da cultura popular. E a interação com as personagens folclóricas ocorre nas terras do próprio Sítio do Picapau no Capoeirão dos Tucanos, onde esses seres moravam. A interação lúdica que presenciamos no decorrer das histórias nos confirma que:

“O ludismo é uma das formas mais apropriadas de aproximação com a criança. Na

infância, a exploração do mundo com liberdade e a própria necessidade de adaptar-se às situações confere ao jogo um papel preponderante. Ele é um dos recursos mais fecundos para a configuração de personagens que identifiquem com a maneira contemporânea de apreender o mundo, pois entre literatura e ludismo existe uma relação essencial” (KHÉDE, 1990, p.75).

Monteiro Lobato cria um mundo para as crianças brasileiras, um mundo que povoa com seres reais, animais e seres encantados. No mundo de Lobato, ele remove o tempo e o espaço. Leva suas crianças às partes mais remotas da terra, em viagens fantásticas a outras civilizações, colocando-as em contato com a história, expondo a elas, as belezas e grandezas, mas também as fraquezas e defeitos de muitos povos. Lobato inova ao apresentar às crianças os problemas reais do mundo adulto. Com muita criatividade, suas personagens vivenciam problemas e discutem a solução para os mesmos, tornando-os compreensíveis aos seus pequenos leitores, levando-os à reflexão, a uma leitura crítica.

O maravilhoso apresentado por Lobato fascina as crianças, pois conforme COELHO (1991) Monteiro Lobato leva suas personagens a um plano onde o real, o imaginário e o maravilhoso se confundem. No Sítio o encantamento, o sonho e a realidade, encontram espaço através da fantasia, que cumpre uma das funções da literatura infantil que é estimular.

“Nas crianças, interesses adormecidos que esperam que essa espécie de varinha mágica os desperte para aspectos do mundo que os rodeia; age sobre as forças do intelecto como a imaginação ou o senso estético, que precisam do impulso de correntes exteriores para adquirir pleno desenvolvimento na evolução psíquica da criança” (JESUALDO, 1993 p. 29).

Dessa forma, Lobato conquista o público infantil de sua época, oferecendo a eles a alegria, o sonho, a beleza e o encantamento em forma de livro. Para uma época em que a leitura era quase uma obrigação, sua obra desperta no pequeno leitor o prazer de ler. Conforme PAIVA (2005), é interessante perceber que em Lobato o construtivismo é posto em prática, antes mesmo de existir, levado pela intuição apresenta na prática uma filosofia educacional construtivista.

“Lobato colocava em situação de exercício o que se pode ter de inteligência antecedendo à aquisição da linguagem e elevando a ação ao plano elementar da lógica (...) A própria estrutura do Sítio do Picapau foi toda concebida como ambiente de integração no qual tudo cabe e tudo se desenvolve com o combustível da curiosidade e da imaginação” (PAIVA, 2005).

Conforme AZEVEDO (1997) o segredo de Lobato foi a construção de uma relação de confiança com seu público. Com alguns de seus fãs, ele trocou correspondência por vários anos. Isto mostra a importância que ele tinha na vida de milhares de seus leitores, que fizeram do escritor um companheiro de viagem pelos domínios da fantasia e se deleitavam em compartilhar com Lobato dúvidas e questionamentos que possivelmente nunca compartilhariam com seus pais. Nestas correspondências diversos assuntos era tema de discussões, sempre aberto e fiel ao seu público, Monteiro Lobato tinha prazer em responder as cartas que recebia. Solidificando cada vez mais o carinho que seus fãs nutriam por ele.

Depois de conhecer a Biblioteca de Vila Buarque, Lobato passou a ir com frequência na biblioteca e “Lia todos os trabalhos publicados e os comentava com as crianças” (DANTAS, 1982, p.111). Era um escritor acessível, que conhecia e queria conhecer mais seus leitores e assim “captando a lógica e a estrutura do pensamento infantil, Lobato falava não para elas, mas *como* e *no lugar* delas” (AZEVEDO, 1997, p.312).

Durante o governo de Getúlio Vargas, Lobato sofre os maiores dissabores de sua vida, “não havia espaço para um espírito rebelde e libertário na ditadura de Vargas” (MAYNARD, 1998, p.45). Sua obra é confiscada e ele impedido de dar entrevistas ao público. É preso e ao retornar ao convívio da família e dos amigos era a imagem de um homem completamente desiludido com o mundo. Em abril de 1948 é vítima de um acidente vascular cerebral e no dia 4 de julho morre em São Paulo, deixando uma lacuna no coração de milhares de crianças brasileiras.

2.2 Monteiro Lobato e suas personagens

A obra de Monteiro Lobato apresenta várias personagens, em cada uma delas há um pouco do escritor. São personagens bem construídas que tornam o desenrolar da obra uma leitura extremamente agradável. As personagens “como elementos ativos dentro da

narrativa, apresentam valores através dos quais a sociedade se constitui” (KHÉDE, 1990, p.5) e na obra lobatiana isto é plenamente visível. Segundo FARIA (1999) a personagem não tem uma função única na literatura, iremos transcrever algumas destas funções:

- ✓ “Traz às crianças e jovens um conjunto de normas dos adultos, ou então de anti-normas, conforme o espírito do livro;
- ✓ opera a transmissão social;
- ✓ propõe modelos de conduta que facilitam a adaptação social e a integração de certas ideologias” (FARIAS, 1999, p.28).

A obra de Lobato é cercada por personagens reais e por seres fantásticos, que recebem a visita de outras personagens de outras histórias e acaba formando um maravilhoso mundo encantado. O Sítio do Picapau Amarelo, local físico onde acontece a maioria das aventuras e para onde retornam as personagens depois das viagens pelos mundos encantados “ficava num lugar muito bonito. A casa era das antigas, de cômodos espaçosos e frescos” (LOBATO, 1960b, p.171). Nela viviam:

Dona Benta que é a primeira personagem do Sítio do Picapau apresentada logo no início de *Reinações de Narizinho*, Lobato a apresenta como uma senhora de mais de sessenta anos que é vista da estrada com “cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz...” (LOBATO, 1960b, p.3). Trata-se de uma senhora culta, amável, compreensiva, inteligente, uma avó que gosta de ler histórias para os moradores do Sítio. Ouve com atenção as aventuras dos netos e com a mesma naturalidade participa delas. Representa “o livre pensador, apontando e corrigindo para as crianças, as caducas instituições, as injustiças e tudo que trai a verdade” (CARVALHO, s.d., p.234). É a autoridade no Sítio, é quem mantém a ordem, sem contudo ser repressora. “D. Benta era a democracia em pessoa: jamais abusou da sua autoridade para oprimir ninguém. Todos eram livres no Sítio, e justamente por essa razão nadavam num mar de felicidade” (LOBATO, 1965c, p.201). Dona Benta surgiu das lembranças de Lobato no tempo de escola, ele tinha um colega chamado Pedro de Castro que tinha uma avó chamada Dona Benta que lhe contava histórias. Dessa forma Lobato imortalizou a avó do colega na simpática vovó de Narizinho e Pedrinho.

Tia Nastácia é a cozinheira da casa, sabe fazer quitutes como ninguém. É ingênua e cheia de credices. É amiga de todos e como Dona Benta também participa das aventuras da

meninada, embora a contra gosto e sempre com medo do que possa acontecer. Representa o saber empírico, a cultura popular. Ela fez Emília para Narizinho e no decorrer da história faz os reparos necessários na bonequinha. Mas é justamente tia Nastácia o alvo predileto dos comentários críticos de Emília. Com suas histórias de negra velha, o folclore é resgatado na obra lobatiana. Nastácia “foi ama de meu filho Edgar. Era uma preta alta, muito boa muito resmunguenta, boa quituteira – tal qual a dos meus livros” (DANTAS, 1982, p.95).

Narizinho é uma criança comum, saudável e cheia de artes. “- Lúcia, a menina do Narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem. Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca” (LOBATO, 1960b, p.3). É uma menina esperta que vive a infância livremente entre os pés de jabuticabas no Sítio do Picapau. É dona da boneca Emília, e de certa forma desempenha o papel de mãe com a boneca. Está sempre atenta as travessuras da mesma e ralha quando necessário. Conforme CARVALHO (s.d.) a figura feminina de Narizinho na obra é imprescindível, pois na obra lobatiana Narizinho vivencia o “eterno brinquedo da mulher: companheira, mãe, equilíbrio da natureza humana, em seu relacionamento dentro da obra com Pedrinho e a Boneca, perfeitamente situados pelo seu criador através dos quais se realiza o seu papel simbólico” (CARVALHO s.d., p.255). Representa ainda, a infância perene das meninas que sempre buscam, em qualquer idade, o lúdico e o encantamento que a ficção possibilita.

Pedrinho é um menino de dez anos, que costuma passar as férias no Sítio do Picapau é filho de Antonica, filha de Dona Benta. É a única personagem masculina presente no dia-a-dia do Sítio do Picapau, e lá vive as maiores aventuras. É um menino calmo, corajoso e que gosta de aventuras. Quando decide ir atrás do Saci, vai sozinho e captura o negrinho na garrafa, para depois soltá-lo e ouvir do próprio Saci as histórias da mata. É o menino que existiu um dia dentro de cada homem. Adora aventuras e está sempre pronto para participar das novidades que surgem no cotidiano do Sítio.

Visconde de Sabugosa foi confeccionado por Pedrinho para enganar Emília. Para o feitio dele “arranjou um bom sabugo, ainda com umas palhinhas no pescoço que fingiam muito bem de barba, botou-lhe braços e pernas, fez cara com nariz, boca, olhos e tudo” (LOBATO, 1960b, p.83). O Visconde é o sábio do grupo, vive metido entre os livros, é um devorador das letras, representa a ciência que para Lobato devia ser aplicada para melhorar a vida dos homens. Ele é o intelectual que dá opinião, respalda cientificamente as resoluções, mas nunca toma as

decisões. É uma crítica aos intelectuais da época. Juntamente com Emília fazem o par cômico da obra, o que garante boas risadas. Visconde apesar do seu intelectualismo sempre se submete aos caprichos de Emília. A opinião de Lobato sobre ele demonstra que o autor o via limitado e sem esperanças para grande desempenho, em comentário a Rangel em uma carta datada de 01/02/1943, assim se expressava:

“Já o Visconde de Sabugosa é um raté. Tentou várias evoluções e sempre ‘regrediu’ ao que substancialmente é: um sábio. Um sábio é coisa cômoda, espécie de microfone: não tem, não precisa ter personalidade muito bem definida” (LOBATO, 1961a, p.343).

Marquês de Rabicó é um leitão humanizado, sua marca registrada é a gulodice e a covardia. É o bicho de estimação de Narizinho. Em Rabicó a dicotomia bom/mau se suaviza, ele é o ser que a nada se ajusta, está sempre metendo o focinho onde não deve, mas nem por isso deixa de ser protegido pelas crianças de ir para panela.

Burro-falante era um personagem do País das fábulas, que foi salvo pela turma do Sítio do Picapau, quando ele chega no Sítio, Pedrinho explica para Dona Benta: “Salvamo-lo das unhas do tigre e agora está tão amigo que vem morar conosco para sempre” (LOBATO, 1960b, p.289). Emília lhe dá o nome de Conselheiro.

Rinoceronte Quindim é um rinoceronte domesticado, que estava fugindo de um circo quando foi encontrado por Emília e batizado por ela, que diante do pasmo de todos por tal nome ela apenas respondeu: “Como sempre fui a botadeira de nomes lá do sítio, resolvi batizar o rinoceronte assim e pronto!” (LOBATO, 1965a, p.7). Lobato explica porque criou Quindim, “Para fazer coisa diferente. Resolvi arranjar um bicho contrário ao cachorrinho, ao coelhinho... O contrário era o rinoceronte, estranho, meio disparatado, Por isso, entrou nos meus livros, ficou no elenco do Sítio” (DANTAS, 1982, p.96). Quindim era também gramático e profundo conhecedor da Língua Portuguesa. Isso deixa evidente mais uma intenção do autor, de que a Língua Portuguesa pode ser constantemente presente no dia-a-dia das pessoas. Daí a idéia de incluir um animal feio, aparentemente monstruoso, mas que pode ser domesticado e dócil. Ou seja, a Língua Portuguesa é acessível a todos e tem seus momentos lúdicos e lúcidos.

Estas são as personagens que vão acompanhar com frequência as histórias do Sítio do Picapau e receberão outras inúmeras personagens das mais variadas histórias. O desenrolar da obra de Monteiro Lobato é ousadia pura, ele interage suas personagens com outras personagens dos contos de fadas, do folclore brasileiro, da mitologia e também insere no seu contexto a tecnologia da sua época, ou seja, o cinema, o rádio e os quadrinhos. O resultado é o Sítio do Picapau Amarelo, onde o leitor viaja entre a realidade e a fantasia, sem ter a noção exata onde uma começa e a outra termina. Lobato dá asas a imaginação do seu leitor, despertando nele a curiosidade. Levando-o a uma liberdade sem precedentes.

3. EMÍLIA

3.1 De macela a tagarela

Emília é a personagem marcante de Lobato que aparece em toda sua obra. De boneca muda, sem fala no início de sua obra, se torna a boneca falante por toda obra lobatiana. Emília é uma boneca de pano que foi confeccionada por tia Nastácia e para a confecção da boneca utilizou material simples, um pedaço de saia velha, retrós e macela. A macela era comum para o enchimento de travesseiros talvez por seu efeito medicinal que era calmante e pelo cheiro de suas flores que também faziam parte do enchimento.

O que faz Emília se destacar na obra de Monteiro Lobato é o fato dela ser falante, espirituosa e líder. A bonequinha tinha tudo para ficar em segundo plano, mas passa a ser a estrela da obra ao ter acesso à fala. Emília no início do primeiro livro, *Reinações de Narizinho*, não passa de uma simples boneca, companheira da menina, para ser no final da história a Marquesa de Rabicó. Quando inicia sua biografia em *Memórias da Emília*, ela assim se apresenta aos seus leitores:

“Nasci numa saia velha de tia Nastácia. E nasci vazia. (...). Nasci, fui enchida de macela que todos entendem e fiquei no mundo feito uma boba, de olhos parados, como qualquer boneca. E feia. Dizem que fui feia que nem uma bruxa. Mas nasci muda como os peixes. Um dia aprendi a falar” (LOBATO, 1965b, p.10).

Esta é a origem de Emília, nada de especial tudo muito simples. Talvez essa simplicidade em torno da personagem é que dê destaque ao fato dela adquirir a fala. Afinal Emília não é o único ser não humano do Sítio que detém a fala, o Visconde de Sabugosa, o Marquês de Rabicó e o Burro Falante falam sem que para isto alguém tenha atentado. Mas, há algo de especial na fala de Emília, ela não deixa de ser boneca, mas como disse tia Nastácia ao ouvi-la pela primeira vez “ela fala que nem uma gente!” (LOBATO, 1960b, p.30). Através da fala dos seus personagens, sobretudo da fala de Emília, Lobato deixa claro a importância do ato da fala para a formação da consciência cidadã. A fala possibilita a participação, a contestação, além de ser é um exercício pleno de cidadania.

No Reino das Águas Claras, Narizinho a leva ao doutor Caramujo, que dá a boneca à pílula falante. O sucesso é imediato, “Emília engoliu a pílula, muito bem engolida, e começou a falar no mesmo instante. (...) E falou, falou, falou mais de uma hora sem parar” (LOBATO, 1960b, p.27). Narizinho horrorizada pede ao doutor Caramujo para fazer Emília vomitar a pílula, o doutor explica que o efeito já era esperado, depois que Emília cansasse de falar, passaria a falar normal, como todo mundo. Mas, não é isso que ocorre, Emília continua falante, passando a ser esta sua principal característica. Ela dá palpite em tudo, é malcriada, é crítica, é irônica, é irreverente! Por ser apenas uma boneca de pano, a ela é permitido falar asneiras, ser metida, curiosa e malcriada.

Quando em visita ao Reino das Águas Claras pela segunda vez, Narizinho e Emília vão ao encontro de Dona Aranha Costureira, que mostra a elas um belíssimo vestido que de tão lindo deixa Narizinho em êxtase, entretanto o mesmo não ocorre a Emília que cheia de curiosidade quer sentir o tecido e saber como foi feito e tanto perguntou que Narizinho a repreende: “- Cale-se, Emília. Os peixinhos podem assustar-se com as suas asneiras e fugirem do vestido” (LOBATO, 1960b, p.115).

Dirigindo-se ao Príncipe: “- Porque não dá Dona Aranha para Narizinho? Apesar de ser princesa, Narizinho anda sempre de meias furadas por falta duma boa aranha aqui no sítio. – Começaram as inconveniências! – advertiu a menina fazendo carranca” (LOBATO, 1960b, p.141).

Quando repreendida pela primeira vez por Dona Benta ficou brava e correu

para o quarto, Narizinho foi atrás: “Que é isso, Emília? Parece louca! É que estou arrumando minhas malas para me mudar desta casa. Não gosto de velhas, nem brancas, nem pretas” (LOBATO, 1960b, p.210).

Depois de ter achado o anjinho Flor das Alturas, Emília o leva para o Sítio do Picapau até sua asa sarar, mas acabou decidindo que queria que o anjinho ficasse com eles e pede a tia Nastácia para cortar um pedaço da asa para que ele não volte para o céu. Tia Nastácia horrorizada se recusa a fazer tal coisa, o anjinho acaba voando e retorna ao céu. Emília enfurecida briga com tia Nastácia que acaba rompendo em choro. É um alvoroço na casa e Dona Benta querendo entender a situação ouve Emília:

“Esta burrona teve medo de cortar a ponta da asa do anjinho. Eu bem que avisei. Eu vivia insistindo. Hoje mesmo insisti. E ela, com esse beirão todo: ‘Não tenho coragem... É sacrilégio...’ Sacrilégio é esse nariz chato. – Emília! – repreendeu Dona Benta. Respeite os mais velhos! Não abuse!” (LOBATO, 1965b, p.4).

Emília por ser uma boneca para ser corrigida é chamada atenção várias vezes por Dona Benta e Narizinho, cujo castigo quase sempre é a ordem para calar-se. Tirar a fala aqui consiste numa punição. Somente uma vez Emília foi castigada severamente, o que desperta no leitor dó da bonequinha. Depois de ouvir a história de Dom Quixote, Emília tem uma crise de loucura para conte-la é engaiolada. “Emília teve um novo acesso de cólera. Berrava, esperneava. Deu tantos pontapés nos arames da gaiola que furou um dos pés, deixando escapar uma porção de macela. Vendo isso rompeu em choro” (LOBATO, 1982, p.78).

Ela questiona as coisas, não apenas “fala de verdade”, mas tem curiosidade e um senso crítico muito refinado. E uma vez de posse da fala, Emília se revela e deixa com frequência os que estão à sua volta atordoados. A boneca dizia tantas asneiras quanto lhe era possível, tia Nastácia chegou a conclusão que Emília era assim, por ter sido feita de pano ordinário, e expressa certo arrependimento ao declarar: “Se eu imaginasse que ela ia aprender a falar, eu tinha feito ela de seda, ou pelo menos dum retalho daquele seu vestido de ir à missa” (LOBATO, 1960b, p.32).

O fato de ser de pano e macela não incomodava Emília que tinha plena consciência do que era feita. “Tia Nastácia diz que sou de macela por dentro e por isso não posso me molhar” (LOBATO,1960b, p.37). Nessa e em outras passagens pode-se conferir a boneca confirmando saber do que era composta: “Pois eu sei o que há dentro de mim. É só macela. Quando fiquei com a perna seca tia Nastácia me consertou e eu vi. Ela pôs só macela da bem amarelinha e cheirosa” (LOBATO,1960b, p.137); “Só depois de nascida é que ela me encheu de pétalas duma cheirosa flor cor de ouro que dá nos campos e serve para estufar travesseiros” (LOBATO,1965b, p.10): “Sou de pano, sim, mas de pano falante, engraçado paninho louco, paninho aqui da pontinha” (LOBATO, 1982, p.64)

A boneca era querida por todos, tinha um grande senso de justiça e como toda criança voluntariosa, agia por ímpeto com freqüência, o que não impedia de amar do seu jeito, sua relação com tia Nastácia não é das melhores, implicava sempre com a coitada, somente quando escreve suas memórias é que esclarece esse ponto: “Eu vivo brigando com ela e tenho-lhe dito muitos desaforos – mas não é de coração. Lá por dentro gosto ainda mais dela do que dos seus afamados bolinhos” (Lobato, 1965b, p145). Lembrando que Emília nunca degustou um único bolinho de tia Nastácia, a opinião revela um amor sincero, desinteressado. atitude típica da infância. E que de certa forma contrasta com os dos outros que quase sempre só a elogiavam por seus quitutes.

Emília é a personificação de um líder, embora fale asneiras, costuma ser obedecida por todos, inclusive pelo próprio Lobato, “Quando escrevo um desses livros, ela me entra nos dois dedos que batem as teclas e diz o que quer e não o que eu quero. Cada vez mais Emília é o que ela quer ser, e não o que quero que ela seja” (DANTAS, 1982, p,187). Lobato em carta a Rangel, comenta sobre algumas de suas personagens e se referindo a Emília diz: “E assim, independente de qualquer cálculo, evoluiu essa Emília que hoje me governa, em vez de ser por mim governada. É quem manda realmente lá no sítio. Emília põe e dispõe” (LOBATO, 1961a, p.343).

Emília consegue sempre o que quer, não apenas pelo simples fato de insistir, mas no desenvolvimento da obra lobatiana, percebemos que Emília cresce aos olhos do leitor. Ela que no início não tinha quase destaque, quando passa a falar, vai se apropriando da mesma e a utiliza com muita destreza, convencendo sempre.

Emília argumenta e não volta atrás nunca, quer dizer nem sempre... Uma vez diante da idéia louca de reformadora, no livro a *Chave do tamanho*, depois de aprender com dona Benta que sua reforma prejudicaria o equilíbrio do planeta e de toda humanidade, “Emília fungou, fungou, e com a mais nobre humildade – grande exemplo para todos os ditadores do mundo – disse para o visconde: - Pois vamos a Casa das Chaves, Macaco!”

(LOBATO, 1960a, p.20). E fez tudo voltar ao tamanho normal, retornando assim a harmonia que sempre existira no planeta e que embora ela não concordasse era a aceita pelos seres humanos.

Pois bem, essa é a Emília que se torna aos olhos dos leitores a mais querida e mais amada das personagens lobatiana. Ao lermos a obra de Lobato, percebemos que a boneca atrevida é nada mais, nada menos que o próprio Lobato. Alguns estudiosos da obra de Lobato, afirmam que ela é a extensão do seu criador. MANSUR citado por DANTAS (1982) observa que quando Emília esclarece sobre a existência do seu coração, ela fala por Monteiro Lobato e a seqüência do texto é totalmente diferente da fala emiliana no início do livro, é um tom que não é próprio dela.

“Dizem todos que não tenho coração. É falso. Tenho sim, um lindo – só que não é de banana. Coisinhas à toa não o impressionam; mas ele dói quando vê uma injustiça. Dói tanto que estou certo de que o maior mal deste mundo é a injustiça.” (LOBATO, 1965b, p144).

Segundo PENTEADO (1997) Emília fala pelo escritor, nos momentos mais importantes e polêmicos herda a independência da personalidade e a autonomia intelectual, só diferenciando dele na esperteza e na malandragem. LAJOLO (2001) também a identifica com Lobato, pois Emília torna-se independente com sua capacidade de fala, e em sua caminhada aponta novos pontos de vista, desafiando os padrões e quebra as normas estabelecidas. Apresentando-se como porta-voz de Lobato, que era um homem crítico e participante das questões de seu tempo, que se posicionava diante do que acreditava e falava sem medo, defendendo também seus pontos de vista.

COELHO (1988) a considera o alter-ego de Lobato e a personagem-chave da obra lobatiana e declara que isto ocorre pelo fato de Emília ser a única personagem que sofre transformação em sua personalidade e a única a viver em tensão dialética com as demais personagens da obra..

3.2 Um olhar sobre Emília

Emília é a personagem que mais se destaca nas obras de Monteiro Lobato. Em *Reinações de Narizinho*, publicada em 1934 e *Memórias da Emília*, publicado dezesseis anos depois do surgimento da boneca de pano, nos deparamos na primeira obra com uma Emília em fraldas e na segunda com uma Emília totalmente senhora de si.

Nos primeiros capítulos de *Reinações de Narizinho*, encontramos Emília seguindo a menina. No Reino das Águas Claras, o Príncipe Escamado ao questionar o silêncio de Emília, ouve a seguinte explicação: “A pobre é muda de nascença. Ando a procura de um bom doutor que a cure” (LOBATO, 1960b, p.8). E quando chegam a entrada do Reino, Narizinho com medo de entrar assim se desculpa ao Príncipe: “- Muito escuro, Príncipe. Emília é uma grande medrosa” (LOBATO, 1960b, p.8).

Quando encontram o guarda dormindo, o Príncipe resolve aplicar uma lição no sapo, mas, Narizinho tem a idéia de vesti-lo de mulher para então acordá-lo. “E sem esperar resposta foi tirando a saia da Emília e vestindo-a muito devagarinho no dorminhoco” (LOBATO, 1960b, p.9). Em momento algum vemos reação de Emília. Sua presença apenas destaca ou respalda as atitudes da menina.

Percebemos que Emília vivia à sombra de Narizinho. Somente quando Dona Carochinha entra em cena e tem um pega com Narizinho, é que pela primeira vez, Emília tem ação significativa: “A velha atracou-se com a menina, e certamente que subjugaria, se a boneca, que estava na mesa ao lado de sua dona, não tivesse tido a bela idéia de arrancar-lhe os óculos e sair correndo com eles” (LOBATO, 1960b, p.17). Temos aqui um pequeníssimo vislumbre do que Emília viria a ser, a atrevida que não levava desaforo para casa.

A feiúra de Emília, é destacada desde o início da obra. Quando o autor nos apresenta Emília assim se expressa: “é ver uma bruxa”, no ribeirão os peixes a olham de longe. E no Reino das Águas Claras, causa verdadeiro espanto. Narizinho mexia em tudo na Gruta dos tesouros, as pérolas “muitas, ainda na concha, punham, as cabecinhas de fora, espiavam a menina e escondiam-se outra vez de medo da Emília” (LOBATO, 1960b, p.13).

Aos poucos este detalhe vai desaparecendo, e somente em *Memórias da Emília* é que ela vai falar sobre sua própria feiúra, se referindo ao passado e na visão dos outros “dizem que fui feia que nem uma bruxa” (LOBATO, 1965b, p.10). A visão da boneca era que havia melhorado aos poucos, talvez essa visão a respeito de si mesma, faça com que o leitor a veja como ela se vê, e a feiúra desaparece como por encanto.

A mudez de Emília não chega a ser tão destacada, Narizinho se refere ao problema da boneca apenas para o príncipe, mas é interessante que ao dominar a fala parece ter havido também um desbloqueio nas idéias e atitudes da boneca, neste momento o leitor é

levado a observar que Emília era muda. Afinal o comum era as bonecas serem mudas, até aí tudo bem, mas ao ser levada ao célebre doutor Caramujo metamorfoseia-se ante os olhos do leitor. Emília passa a ter domínio da fala. Agora dona de tão poderosa arma, isto significa a liberdade total para Emília. Quando ela vai contar a Narizinho o que ocorrera na Gruta dos tesouros, o faz do seu jeito, recusando as correções da menina.

É nesse momento que conhecemos a “Emília Lobato”. Daqui por diante ela se revelará o protótipo do homem de Taubaté. A revelação da “nova” Emília não passa despercebida a Narizinho, “Viu também que era de gênio teimoso e asneirento por natureza, pensando a respeito de tudo de um modo especial todo seu” (LOBATO, 1960b, p.29). Era como se de certa forma a mudez de Emília ocultasse quem de fato era a bonequinha, fosse uma limitação que seria vencida com o tempo.

E pela revelação do que os outros personagens acham de Emília, vamos tecendo a personalidade dessa boneca tão intrigante. Pedrinho que era o único homem do Sítio, não tinha uma opinião formada sobre Emília. Apenas surpreendeu-se de que a boneca estivesse falando, constatando que ela falava muito bem. Implicavam com frequência um com outro.

Dona Benta gostava da bonequinha, a colocava em seu colo e lhe contava histórias todas as noites. “Porque não havia no mundo quem gostasse mais de histórias do que a boneca” (LOBATO, 1960b, p.32).

Narizinho considerava Emília uma companheira para todas as horas. Emília desde que fora feita passava a noite com Narizinho em uma redinha entre dois pés de cadeira. Mas o costume muda quando Emília aprende a falar, passando então a dormir juntas, pois conversavam até chegar o sono. Para a menina a boneca era “- muito vaidosa e cheia de si” (LOBATO, 1960b, p.52). Mas havia certas atitudes da boneca que intrigavam a menina.

As duas eram amigas, mas tanto Narizinho via Emília como a filha que deveria ser protegida e conduzida, como Emília assumia o papel de filha obedecendo mesmo contra sua vontade algumas ordens da menina. Em *Memórias da Emília* compreendemos a relação das duas: “Narizinho eu quero muito bem, porque é uma espécie de minha mãe. Brigamos bastante, é verdade, e ela implica deveras comigo quando me ‘excedo’. Mas já vi que briga é prova de amor” (LOBATO, 1965b, p.145).

E como o fabulista La Fontaine explicou para Narizinho, Emília “tinha uma estranha e viva personalidade! A menina não entendeu muito bem, mas começou dali por diante a olhar para Emília com mais respeito”(LOBATO, 1960b, p.268).

Quando Emília revela que entende a fala das formigas, Narizinho não acredita. Emília estava toda molhada, pois havia caído no riacho e não queria ficar secando sozinha. Diante da admiração de Narizinho ela não perde tempo e propõe: “Sério, sim, Narizinho. Entendo muito bem e, se você ficar aqui comigo, contarei todas as historinhas que elas conversam. Repare. Vem vindo aquela de lá e esta de cá. Assim que se encontrarem, vão parar e conversar...” (Lobato, 1960b, p.44).

Emília fala o que as formigas estavam conversando, Narizinho curiosa pergunta o que determinada formiga estava falando, Emília não se intimida e diz: “Disse que havia descoberto uma bela minhoca perto da porteira, mas que precisava de auxílio para conduzi-la” (Lobato, 1960b, p.44). Narizinho se afasta correndo para conferir o que a boneca havia dito e logo encontra uma minhoca carregada por várias formigas.

Em certa ocasião, Narizinho pensando que o leitão servido no jantar era Rabicó, diante da alegria da boneca, pois assim estaria livre para casar-se novamente, Narizinho acusa Emília de não ter coração. Todavia Narizinho percebia o desenvolvimento da boneca, e certa vez comenta com a avó sobre o fato de que Emília estava ficando inteligente.

Mas nem sempre Narizinho conseguia entender o pensamento de Emília que às vezes era tão lógico e outras vezes tão confuso que atrapalhava a todos. Mas acabava achando que “Asneira de boneca é a única coisa interessante nesse mundo” (LOBATO, 1960b, p.239).

Quando o pessoalzinho do Sítio recebe, os amigos do País das maravilhas, Emília tem destaque, a boneca já era conhecida no reino das fadas. E encanta todas as personagens que a enchem de mimos. “Emília andava de mãos em mãos. Nunca foi tão beijada e amimada” (LOBATO, 1960b, p.196).

Mas a opinião mais forte e concisa sobre Emília parte do Visconde de Sabugosa, quando obrigado a escrever as memórias de Emília ele acaba escrevendo um

desabafo, a opinião do Visconde parte da observação comum a todo sábio e ele por ser o mais próximo da boneca era justo que tivesse uma opinião mais bem elaborada.

“Emília é uma tirana sem coração. Não tem dó de nada. (...) Também é a criatura mais interesseira do mundo. Tudo quanto faz tem uma razão egoística. Só pensa na vidinha dela, nos brinquedos dela.

.....
Emília é uma criaturinha incompreensível. Faz coisas de louca, e também faz coisas que até espantam a gente, de tão sensatas. Diz asneiras enormes, e também coisas tão sábias que Dona Benta fica a pensar. Tem saída para tudo. Não se atrapalha. E em matéria de esperteza, não existe outra no mundo. Aqui no sítio quem manda é ela. Por mais que os meninos façam, no fim quem consegue o que quer é a Emília com seus famosos jeitinhos” (LOBATO, 1965b, p.113-116).

Quando Emília lê e relê o que o Visconde havia escrito a seu respeito, diz: “- É isso mesmo. Sou tudo isso e ainda mais alguma coisa” (LOBATO, 1965b, p.117). E nesse “mais alguma coisa”, podemos encaixar sua lealdade e carinho por Narizinho, que no desespero de se ver morta por Tom Mix, pede a Emília que lhe dê as macelas da sua perna.

“Tanto Narizinho insistiu, porém, que Emília acabou cedendo, entre soluços e suspiros de desespero. Depois, erguendo a saia até os joelhos, espichou uma das pernas sobre o colo da menina. Esta, muito séria, como quem faz operação da mais alta importância, desfez-lhe a costura da barriga da perna e despejou toda a macela do recheio no alforje de Tom Mix” (LOBATO, 1960b, p.58).

Destacamos também sua coragem diante do desconhecido, suas iniciativas por ser a mais prática do grupo, “Dona Benta, completamente tonta, mostrou-se incapaz duma sugestão. Nisto apareceu Emília, muito lampeirinha. ‘- Eu sei um jeito de arrumar tudo – disse ela, e de acabar duma vez para sempre com a prosa desse Popeye’...” (LOBATO, 1965b, p.76). E principalmente suas “grandes idéias” que sempre surgiam nos momentos mais críticos e perigosos.

“O momento era dos mais terríveis. Ninguém sabia o que fazer. Todos corriam dum lado para outro, completamente desorientados. E aquilo acabaria muito mal se Emília não viesse com uma das suas grandes idéias. - Fechem os olhos todos com toda a força! – berrou ela dando o exemplo. Instintivamente todos obedeceram. Fecharam os olhos com toda força, como a gente faz nos sonhos quando vai caindo num precipício. Ficaram um minuto assim. Quando de novo abriram os

olhos...estavam no sítio outra vez, perto da porteira!” (LOBATO, 1960b, p.310).

Somente em uma ocasião encontramos Emília meio perdida ao ter que dar uma resposta, ela tenta se sair e acaba sem saber como explicar porque entendia a fala das formigas, Narizinho esperava a resposta e a cada nova resposta questionava e não aceitava a resposta de Emília, esta acabou afirmando que não sabia e pronto. Mas foi a primeira e última vez que Emília ficou sem saber dar uma resposta, daí por diante ela parecia já ter as respostas prontas e para tudo havia uma resposta ainda que fosse uma coisa louca e sem sentido.

Mas o destaque da boneca faz com que seja vista de maneira enciumada pelas outras personagens, que atribuíam as suas atitudes ao fato de ser a queridinha de Lobato. No livro *Aritmética da Emília* ela empaca com o termo fazedores. Dona Benta percebendo a atitude da boneca, indaga a Narizinho:

“Será que está ficando louca?”

- Louca, nada, vovó! Respondeu a menina. Emília está assim por causa da ganja que lhe dão. No Brasil inteiro as meninas que lêem essas histórias só querem saber dela e Emília não ignora isso. É ganja demais” (LOBATO, 1965a, p.230).

Em Dom Quixote ela acompanha a história apresentando surtos de loucura

“Mas ser louquinha até tem graça. Todas as crianças do Brasil gostam de você justamente por este motivo – por ser louquinha (...) Pare com Emília, vovó! – gritou a menina furiosa. – A senhora até parece o Lobato – Emília, Emília, Emília ” (LOBATO, 1982, p.53).

Pedrinho atribuíam a Lobato a culpa por Emília ser tão folgada

“Ganja demais, é isso – explicou o menino. – Aqui quem manda é ela. Tudo quanto ela faz aquele sujeito conta nos livros. Daí a ganja. Emília já não respeita ninguém. Não obedece a ninguém – nem a vovó” (LOBATO, 1982, p.63).

Narizinho demonstra verdadeiro aborrecimento pela favoritismo de Lobato, tornando Emília mais destacada ainda:

“- Exigente! Você já anda bem famosinha no Brasil inteiro, Emília, de tanto o Lobato contar as suas asneiras. Ele é um enjoado e muito grande. Parece que gosta mais de você do que de nós. – conta tudo de jeito que as crianças acabam gostando mais de você do que de nós. É só Emília pra cá, Emília pra lá, porque a Emília disse, porque a Emília aconteceu. Fedorenta...” (LOBATO, 1982, p.28).

Para Lobato Emília era total e plenamente independente, em carta a Godofredo Rangel, se referindo a boneca dizia que Emília era a cada dia mais independente, sendo o que ela queria ser e não o que ele queria que ela fosse, ela falava o que queria. Emília é a mais livre de todas as personagens do Sítio, ela faz somente o que ela quer e quando decide que quer algo ela vai atrás e para ela não importa os meios, o que importa é satisfazer sua vontade.

Mas era essa liberdade que ele sonhava para seus pequenos leitores e através de Emília os padrões convencionais são quebrados, não há limites para ela, que fala o que pensa e defende seus pontos de vista até as últimas conseqüências. Emília é livre de normas, sentimentalismo e moralidade. Ela é apenas uma boneca de forma que lhe é permitido toda irreverência, e conforme COELHO (1991), essa foi a melhor escolha do autor, pois se seu porta-voz fosse uma das crianças, jamais teria sido aceito pelo tradicionalismo de sua época.

E como Lobato confidenciou ao seu amigo Rangel em carta datada de 28/03/1943, Emília na verdade era a encantadora Rainha Mab do seu outono. Era ela quem o fazia dar boas risadas quando escrevia e talvez por isso fizesse todas suas vontades.

3.3 Do Sítio para a realidade

Emília é a personagem de Lobato que transcende o Sítio, e se expressa fora da obra literária em várias ocasiões. O próprio Lobato em entrevista a Celestino Silveira, responde a pergunta endereçada a Emília sobre a Academia:

“– Como recebeu Emília – voz da consciência – a notícia da Academia para ocupar a cadeira do Alcides Maya? – Emília arregalou os olhos e voltando-se para dona Benta perguntou: ‘vovó (ela às vezes chama dona Benta de vovó), como é aquele latim do tal Julio Cesar de Roma? Tu quoque... como é mesmo?’ Dona Benta explicou de novo o Tu quoque Brutus? E a diabinha: ‘Pois é. Eu, para mim, a Academia é uma lata...’ ” (LOBATO, 1961b, p.201).

E Emília conta a história de uma tribo africana que depois da visita de um branco, ficaram apenas com as latas vazias que ele usara. O chefe da tribo achando as latas lindas, passa a usar algumas latas como enfeites e depois passa a condecorar seus ministros com outras latas e também dava para os visitantes como símbolo de honra. Lobato pergunta a Emília o que as tais latas tem a ver com a Academia,

“Emília olhou para mim com aquele olhar emiliano: - Você viveu até aqui sem lata nenhuma pendurada ao peito. Agora querem que também traga uma. Os acadêmicos vão enlata-lo. É isso... Assim falou Emília, concluiu Monteiro Lobato” (LOBATO, 1961b, p.203).

Em carta ao amigo Godofredo Rangel, diante da dificuldade na escolha de um título para um livro, Lobato escreve: “Difícil botar um nome decente numa tijolada dessas. Penso em consultar a Emília, que é a ‘dadeira de nomes’ lá do Picapau Amarelo” (LOBATO, 1961b, p.358). Em entrevista de Mario da Silva Brito para o jornal de São Paulo, Lobato explica o que a bonequinha pensava a respeito do Brasil.

“- E que diz Emília do Brasil de hoje? Indaga um dos ‘sapos’. - Emília e Tia Anastácia tem idéias muito sérias a respeito do Brasil. Ambas desejam que este ‘gigante deitado em berço esplendido’ seja como o sítio da dona Benta, esse lugar onde todos vivem felizes, contentes uns com os outros, e onde há plena liberdade de pensamento. Querem que o país todo se torne um sítio de Dona Benta, o abençoado refúgio onde não há opressão, nem cárceres – lá não se prende nem passarinho na gaiola” (LOBATO, 1961b, p.286).

Vemos nesses trechos Emília dando suas opiniões ao público. Nas inúmeras cartas que Lobato recebia, havia também declarações para a bonequinha, mostrando a afinidade do público com a personagem, vejamos alguns exemplos das expressões de carinho dos leitores para Emília: “Adoro a Emília e desafio quem diga que a ama mais” (LOBATO,

1961a, p.347).

Outra leitora colecionava retratos da boneca: “Tenho vários retratos da Emília nas paredes de meu quarto, mandados fazer segundo os seus livros” (LOBATO, 1961a, p.348). E ainda uma outra leitora a colocava na relação de destaque internacional: “Se alguém me perguntasse qual seria a oitava maravilha do mundo, eu diria, a Emília” (LOBATO, 1961a, p.349).

Emília deixa de ser a personagem de Lobato, para tornar-se a amiga presente na vida de milhares de crianças. Eram leitores que amavam o Sítio com todos seus encantos e mais encantados ficavam com a bonequinha falante de retrós e macela. Anos depois da morte do escritor, alguns de seus leitores, já adultos registravam impressões sobre a boneca, que lhes fora companheira na infância. Ilka Brunhilde Laurito assim se expressa:

“Ah, minha heroinazinha maior, minha lição de vida e liberdade, a boneca Emília, a malcriada (...). Agora, a minha Emília, a dos livros, essa era íntima. Boneca de verdade, gente como eu, nós mesmas, feitas de pano e carne, retrós e sangue, linhas, veias, botões, pupilas, nem sei mais o quê. Brinquedo da maior seriedade (...). E era assim, como eu gostaria de ser: desbocada, perguntona, respondeira, atrevida, matreira. Era a criança revolucionária que morava em cada um de nós, abafados pelos ambientes repressores de uma geração que nos queria premoldar.

.....
Emília, torneirinha de água fria na fervura de meus devaneios líricos. Emília, eu te agradeço, Emília” (DANTAS, 1982, p.163,164).

Trecho da carta de Modesto, um jovem que se correspondeu com Monteiro Lobato do período da infância à maioridade. Sua admiração por Emília é registrada na seguinte passagem da carta:

“Agora que você me libertou da rotina mental em que eu vivia oito anos atrás, quero falar-lhe de libertado para libertador. (...) No começo quando eu lia os livros que o tal Monteiro escreviam, achava muita graça e ria mesmo do que você falava. Agora, entretanto, que eu sou emiliano, medito profundamente nas suas palavras. Aquela história do faz-de-conta, por exemplo. Eu creio que não há nenhum absurdo nisso. Ao contrário, há liberdade. É o ser humano que, não contente de ser livre materialmente, ainda quer e pode ser livre no pensamento” (AZEVEDO, 1997, p.324).

Tatiana Belinky amava todos os personagens do Sítio, mas seu xodó era a boneca Emília

“Mas delicioso mesmo era me imaginar na pele do pano da Emília, livre e solta, podendo falar ‘asneirinhas’, ‘agredir’ os amigos, ser respondona, egocêntrica, às vezes, malcriada (...). Ah, o senso de justiça da Emília, como eu vibrava com essas coisas! E como lhe invejava a franca autenticidade, a ‘fidelidade’ a si mesma, tão ‘nietzscheanamente’ lobatiana” (DANTAS, 1982, p.231).

Para Flávio de Sousa, não havia personagem que superasse Emília, na representação do povo brasileiro:

“...passei várias tardes de férias, enfiado numa rede, lendo os livros da Emília. Para mim, Narizinho e o Pedrinho eram coadjuvantes da boneca falante, que, na minha opinião, é a personagem mais interessante de toda a literatura brasileira e muito mais representativa do espírito do povo brasileiro que o Macunaíma, por exemplo” (PAES apud PENTEADO, 1997, p.289).

Sylvia Orthof, acostumada a ouvir histórias em alemão, vibrou ao ganhar seu primeiro livro de histórias infantis em língua portuguesa de Monteiro Lobato. “Ai, que maravilhamaravilhanamentemaravilhosa! Era o meu primeiro livro com histórias em português... e minha casa tinha um quintal comprido, (...) e ali brinquei de ser Emília” (PENTEADO, 1997, p.289).

Nestas falas percebemos a importância da personagem Emília na vida de alguns leitores de Monteiro Lobato. Ela não ficava apenas no livro lido, mas saltava das páginas e conduzia diversos leitores ao maravilhoso mundo do faz-de-conta, onde sonhar não era proibido.

O fascínio ocorre porque através da Emília, Lobato faz o leitor vislumbrar as possibilidades em potenciais existentes em cada um de nós, e desafia seu leitor a correr riscos, a viver a sua verdade e não apenas concordar com a verdade dos outros.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Antigüidade a existência da criança, como a vemos hoje era desconhecida. A criança era vista como um adulto pequeno, que partilhava da vida dos adultos, era vestida e tratada como um adulto. Só que esta idéia foi se modificando e estudiosos de várias áreas passaram a estudar a complexidade do mundo da criança, ocasionando mudanças no pensamento mantido até então.

A criança passa a ter suas necessidades valorizadas e respeitadas. E entre essas necessidades estava a educação e todo o aparato que esta exigia. Surge então o aprimoramento da literatura infantil, o que antes era direcionado ao adulto e a criança simultaneamente, passa a ser trabalhado e direcionado a criança.

No Brasil a literatura infantil tem sua origem nas traduções da literatura européia, e se modifica lentamente. Somente em 1920, com o lançamento do livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, é que ocorre mudança profunda e significativa na literatura infantil. Nascia com Monteiro Lobato, a literatura infantil brasileira, muito embora Lobato não tenha tido consciência desse fato imediatamente. Ao se encontrar como escritor para o leitor infantil, Lobato descobre seu estilo e por mais de duas décadas oferece obras lindas, produzidas dentro da realidade brasileira e cujos principais objetivos era conscientizar e divertir seu pequeno leitor.

PEREIRA (1999) afirma que Lobato trabalha a brasilidade tanto no nível da linguagem quanto no dos conteúdos, transmitindo os sentimentos reais das coisas da terra, com o intuito de formar pessoas livres e capazes de elevar o status de seu país, retirando-o da condição de subdesenvolvido e dependente político, econômico e cultural. Havia em Lobato a preocupação de passar para a criança conceitos e idéias inacabadas.

Monteiro Lobato cria uma obra onde a realidade se mescla ao fantástico tão naturalmente, “que o inventado deixa de ser fantasia e se transforma em verdade” (SILVEIRA, 1993, p.51). Suas personagens encantam milhares de crianças, que sonham e se identificam com elas. O fantástico no desenvolvimento psicológico infantil é importante pois “Embora a fantasia seja irreal, os bons sentimentos que ela nos dá sobre nós mesmos e nosso futuro são reais, e estes bons sentimentos reais são o que necessitamos para sustentar-nos” (BETTELHEIM, 1980, p.157).

A personagem Emília é apresentada ao público de forma mais delineada e apresenta os seguintes destaques:

- ✓ Ao adquirir a fala. Embora tenha ocorrido de forma convencional, a boneca toma uma pílula (remédio) que a cura da mudez (doença). Tudo era um faz-de-conta, até porque Emília não come de verdade, todavia a fala da boneca adentra na realidade e quando Narizinho e Emília retornam do Reino das Águas Claras, Dona Benta e tia Nastácia se espantam com a boneca e a avó da menina passa a acreditar que as coisas fantásticas contadas pela neta não eram simples sonhos.
- ✓ Em sua personalidade. Emília é plenamente independente, sendo através do discurso que ela convence, manda e desmanda em todas as outras personagens do Sítio do Picapau Amarelo. E se destaca por ser cativante, ser tão louquinha e ao mesmo tempo tão criança e como elas não tem maldade no agir nem nas bobagens que diz. É típico da infância esses momentos onde as bobagens reinam soltas, sem que para isto haja ódio ou mesmo falta de amor. Com Emília não é diferente, ela age sem propósito de magoar ou ferir.

Emília é a personificação do autor e no decorrer das histórias, percebemos a semelhança dos dois. Ela levada pelo desejo de mudar as coisas, muitas vezes na tentativa de entender, age por impulso, quer fazer tudo de seu jeito, às vezes dá certo e às vezes não, mas isso não a impede de sonhar e continuar arriscando.

Concluimos este estudo confirmando que o destaque dado a personagem Emília, a torna de fato mais importante na obra lobatiana, com ela fica o encantamento maior da obra, que representa a criança livre, que vive intensamente sua infância, que faz da imaginação o transporte fácil e rápido para o mundo da fantasia. É Emília quem conduz os leitores ao lado prático da vida e mostra que as idéias foram feitas para serem executadas. Ela com toda sua garra se apresenta ao leitor como o mundo das possibilidades, tem suas limitações por ser boneca, mas isto passa a ser apenas um detalhe.

Emília mostra que a liberdade não está no tamanho ou no que as pessoas vêem em nós, a liberdade é o poder de escolha do que queremos para sermos felizes, apesar de todas nossas limitações. E como ela mesma se definiu ao ser questionada por Visconde, “Mas,

afinal de contas, Emília, que é que você é? ‘Emília levantou para o ar aquele implicante narizinho de retrós e respondeu’: Sou a Independência ou Morte” (LOBATO, 1965a, p.115)

Esperamos que o presente estudo seja relevante para professores, bibliotecários e outros profissionais que trabalham com o público infantil. Pesquisar a vida de Monteiro Lobato é conhecer a história da literatura infantil brasileira, é ter acesso à produção inicial desse gênero, com suas histórias e dificuldades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. O Estranho mundo que se mostra às crianças. São Paulo : Summus, 1983.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes. São Paulo : Melhoramentos, 1968.

AZEVEDO, Carmem Lucia de. **Monteiro Lobato**: furacão na Botocúndia. São Paulo : SENAC, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. 10ª ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1980.

CADEMARTORI, LÍGIA. **O Que é literatura infantil**. 4ª ed. São Paulo : Brasiliense, 1987.

CAMARGO, Marcia. Monteiro Lobato: nosso clássico do faz-de-conta. **D. O. LEITURA**. São Paulo : Imprensa Oficial do Estado, v.20, n.12, p.20-29, dez./jan., 2003.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A República do Picapau Amarelo**: uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo : Martins Fontes, 1986.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A Literatura infantil**: visão histórica e crítica. 6ª ed. São Paulo : Global, 1989.

_____. **Literatura infantil**: estudos. São Paulo : Lótus, [s.d.].

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 3ª ed. São Paulo : Ática , 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 5ª ed. São Paulo: Ática , 1991.

_____. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. 3ª ed. São Paulo : Quíron, 1988.

CRUZ, José Marques da. **História da literatura**. 8ª ed. São Paulo : Melhoramentos, [s.d.]. p.577-584.

DANTAS, Paulo (org.). **Vozes do tempo de Lobato**. [S.l.] : Traço, 1982.

FARIA, Maria Alice. **Parâmetros curriculares e leitura**: as personagens de que os alunos realmente gostam. São Paulo : Contexto, 1999.

FRANTZ, Maria Helena Zancar. **O Ensino da literatura nas séries iniciais**. 2ª ed. Ijuí : UNIJUÍ, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo : Atlas, 1999.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução a literatura infantil e juvenil**. 2ª ed. São Paulo : Pioneira, 1991.

JESUALDO. **A Literatura infantil**. São Paulo : Cultrix, 1993.

KHÉDE, Sônia Salomão (org.). **Literatura infanto-juvenil**: um gênero polêmico. 2ª ed. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1986.

_____. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. 2ª ed. São Paulo : Ática, 1990.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo : Ática, 1993.

_____. Emília, a boneca atrevida. In : MOTA, Lourenço Dantas; ABDALA JUNIOR, Benjamin (org.). **Personae**: grandes personagens da literatura brasileira. São Paulo : SENAC, 2001.

_____. ZILBERMAN, Regina. **A Formação da leitura no Brasil**. 2ª ed. São Paulo : Ática, 1998.

_____. _____. **Literatura infantil brasileira**: histórias E histórias. 6ª ed. São

Paulo : Ática, 1999.

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. 10ª ed. São Paulo : Brasiliense, 1961a. v.2.

_____. **A Chave do tamanho**. 8ª ed. São Paulo : Brasiliense, 1960a.

_____. **Dom Quixote das crianças**. 19ª ed. São Paulo : Brasiliense, 1982.

_____. **Emília no país da gramática e Aritmética da Emília**. 12ª ed. São Paulo : Brasiliense, 1965a.

_____. **Memórias da Emília**. 13ª ed. São Paulo : Brasiliense, 1965b.

_____. **O Picapau Amarelo e A reforma da natureza**. 12ª ed. São Paulo : Brasiliense, 1965c.

_____. **Prefácios e entrevistas**. 10ª ed. São Paulo : Brasiliense, 1961b.

_____. **Reinações de Narizinho**. 10ª ed. São Paulo : Brasiliense, 1960b.

_____. **Viagem ao céu e o Saci**. 13ª ed. São Paulo : Brasiliense, 1965d.

MACHADO, Ana Maria. **Ana Maria Machado**: seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios por Marisa Lajolo. São Paulo : Abril Educação, 1983.

MIGUEZ, Fátima. **Nas Arte-manhas do imaginário infantil**: o lugar da literatura na sala de aula. Rio de Janeiro : Zeus, 2000.

MAYNARD, Luthero. Um País é feito de livros e Monteiro Lobato. **EDUCAÇÃO**. v.25, n.207, p.43-45, julho 1998.

PAIVA, Flávio. A Fonte brasileira do construtivismo. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 30 abril 2005. 3º cad. , p.3.

PEREIRA, Jaquelânia Aristides. **Dos Contos maravilhosos às recriações modernas**: uma análise de Fita-verde no cabelo e História meio ao contrário. 1999. 108p. Monografia (Especialização em Investigação Literária). Universidade Federal do Ceará.

PIAGET, Jean. **A Formação do símbolo na criança:** imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro : Zahar, 1971.

PULASKI, Mary Ann Spencer. **Compreendendo Piaget:** uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança. Rio de Janeiro : Zahar, 1983.

REVISTA DA BIBLIOTECA DE MÁRIO DE ANDRADRE. Monteiro Lobato, cidadão e escritor. São Paulo : Cultura. v.56, p.135-165, jun./dez., 1998.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. 3ª ed. rev. e amp. São Paulo : Atlas, 1999.

ROZA, Eliza Santa. Brincar, desejo e linguagem. In : 2 FÓRUM REGIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO INFANTIL. Fortaleza, 20-23. out. 1995. Pastoral da criança –CRDI.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga:** as reações renovadas. Rio de Janeiro : Agir, 1987.

SILVEIRA, Eunice Maria Pinto da. **O Ensino da literatura infantil no curso de formação para o magistério:** um estudo de caso. 1993. 154p. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola.** 9ª ed. São Paulo : Global, 1994.

_____. LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças:** para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. 4ª ed. São Paulo : Global, 1993.

_____. MAGALHÃES, Lígia Cademartori. **Literatura infantil:** autoritarismo e emancipação. 3ª ed. São Paulo : Ática, 1987.